doi.org/10.51891/rease.v12i11.32993

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS TUTORES ENTRE PARES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

DIFFICULTIES FACED BY PEER TUTORS IN HIGHER EDUCATION

DIFICULTADES ENFRENTADAS POR LOS TUTORES ENTRE PARES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Brunna Stella da Silva Carvalho Melo[1]
Ana Valéria Marques Fortes Lustosa[2]

RESUMO: Este artigo objetivou analisar as dificuldades enfrentadas por tutores entre pares no trabalho com estudantes público da educação especial na educação superior. Trata-se de um relato de pesquisa de doutoramento, de abordagem qualitativa, na perspectiva da pesquisa-ação, realizada em uma universidade federal do Nordeste brasileiro. Participaram 18 estudantes que atuavam como tutores de estudantes com deficiência. Os dados foram coletados por meio de questionários e submetidos à análise de conteúdo temática. Os resultados identificaram quatro subcategorias de dificuldades: disponibilidade de horários para os encontros; insuficiência das condições de acessibilidade; falta de compromisso dos tutorados na busca pelo auxílio do tutor; e dificuldade dos estudantes surdos na compreensão da língua portuguesa. A acessibilidade, em seus múltiplos aspectos, configurou-se como a dificuldade de maior relevância. Os achados evidenciam a necessidade de políticas institucionais que fortaleçam o programa de tutoria, oferecendo formação, supervisão e condições adequadas para o exercício dessa função, contribuindo para a efetivação da inclusão na educação superior.

Palavras-chave: Tutoria entre pares. Educação superior. Acessibilidade.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the difficulties faced by peer tutors working with special education students in higher education. This is a report of doctoral research with a qualitative approach from an action-research perspective, conducted at a federal university in northeastern Brazil. Eighteen students who served as tutors for students with disabilities participated. Data were collected through questionnaires and submitted to thematic content analysis. Results identified four subcategories of difficulties: availability of schedules for meetings; insufficient accessibility conditions; lack of commitment from tutees in seeking tutor assistance; and deaf students' difficulties in understanding Portuguese. Accessibility, in its multiple aspects, was the most significant difficulty. Findings highlight the need for institutional policies that strengthen tutoring programs by providing training, supervision, and adequate conditions for the exercise of this function, contributing to the effectiveness of inclusion in higher education.

Keywords: Peer tutoring. Higher education. Accessibility.

[1]Doutora em Educação. Psicóloga do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal do Piauí.
[2]Professora titular da Universidade Federal do Piauí. Doutora em Psicologia; Pós-doutora em Educação Especial.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar las dificultades enfrentadas por tutores entre pares en el trabajo con estudiantes público de la educación especial en la educación superior. Se trata de un relato de investigación doctoral, de enfoque cualitativo, en la perspectiva de la investigación-acción, realizada en una universidad federal del Nordeste brasileño. Participaron 18 estudiantes que actuaban como tutores de estudiantes con discapacidad. Los datos fueron recolectados mediante cuestionarios y sometidos al análisis de contenido temático. Los resultados identificaron cuatro subcategorías de dificultades: disponibilidad de horarios; insuficiencia de condiciones de accesibilidad; falta de compromiso de los tutorados; y dificultad de los estudiantes sordos en la comprensión del portugués. La accesibilidad se configuró como la dificultad de mayor relevancia. Los hallazgos evidencian la necesidad de políticas institucionales que fortalezcan los programas de tutoría.

Palabras clave: Educación especial. Tutoría entre pares. Educación superior. Accesibilidad.

INTRODUÇÃO

O acesso de estudantes público da educação especial à educação superior brasileira tem se ampliado significativamente nas últimas décadas, impulsionado por marcos legais como a Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Contudo, o ingresso não garante, por si só, a permanência e a participação plena desses estudantes na vida acadêmica.

A acessibilidade na educação superior constitui um conceito amplo que extrapola as dimensões arquitetônicas e abrange campos pedagógicos, avaliativos, de práticas educativas e metodológicas. Para que a inclusão se efetive, é necessário que as instituições de ensino superior desenvolvam estratégias que contemplem as diversas necessidades dos estudantes com deficiência, garantindo condições equitativas de aprendizagem e participação.

Nesse cenário, a tutoria entre pares tem se consolidado como uma prática relevante para o apoio aos estudantes público da educação especial. Trata-se de uma modalidade de aprendizagem colaborativa em que estudantes mais experientes ou com competências específicas auxiliam colegas com deficiência em seus processos de aprendizagem e adaptação ao contexto universitário (CARDOZO-ORTIZ CE, 2011). A literatura aponta benefícios mútuos dessa prática, como a melhoria no desempenho acadêmico, o desenvolvimento de habilidades sociais e a diminuição das taxas de evasão (FIOR CA, 2017; FERNANDES WL e COSTA CS, 2015).

No entanto, os tutores entre pares enfrentam desafios significativos no exercício de sua função. Diferentemente de profissionais da educação que passaram por formação específica, os tutores são estudantes que, em muitos casos, ainda estão em processo de formação e não

dispõem de todos os conhecimentos e habilidades necessários para lidar com as demandas dos tutorados. Além disso, a ausência de supervisão adequada e de condições institucionais favoráveis pode comprometer a qualidade da tutoria (LIPSKY SA, 2011; FRISON LM, 2013).

Diante desse contexto, este estudo teve como objetivo analisar as dificuldades enfrentadas por tutores entre pares no trabalho com estudantes público da educação especial na educação superior. A relevância social e educacional desta pesquisa reside na necessidade de identificar os obstáculos que comprometem a efetividade da tutoria, subsidiando o desenvolvimento de políticas institucionais que fortaleçam essa prática como estratégia de inclusão.

MÉTODO

Participaram deste estudo 18 estudantes que desempenhavam a função de tutores de estudantes público da educação especial em uma universidade federal do Nordeste brasileiro. Do total, 13 (72,2%) cursavam licenciatura e 05 (27,8%) bacharelado.

Para manter em sigilo a identidade dos participantes, eles escolheram nomes de cidades do Estado no qual a pesquisa foi feita para representar seus nomes.

De um total de 23 estudantes que desempenhavam a função de tutores até o mês de novembro do ano de 2020, 18 deles aceitaram participar desta pesquisa, representando 78,2% do total. Os participantes eram estudantes que cursavam do 4º ao 9º semestres e tinham experiência como tutores de, no mínimo, 1 semestre letivo.

O Quadro a seguir apresenta o perfil dos participantes da pesquisa constando seus nomes fictícios, a formação em que estavam, o tipo de deficiência que os estudantes tutorados se enquadravam e se o tutor teve ou não experiência anterior, ainda na graduação, com a tutoria entre pares (Quadro 1).

Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes/ Tutores	Formação	Classificação de Deficiência do Estudante Tutorado	Experiência Anterior com tutoria
Piripiri	Licenciatura	Surdez	Sim
Corrente	Licenciatura	Surdez	Sim
Luzilândia	Licenciatura	Surdez	Não
Pedro II	Bacharelado	Transtorno do Espectro Autista	Não
Bom Jesus	Licenciatura	Surdez	Sim
Teresina	Licenciatura	Surdez	Sim

Picos	Licenciatura	Surdez	Sim
Parnaíba	Licenciatura	Deficiência Visual	Sim
Campo Maior	Licenciatura	Surdez	Não
Boqueirão	Licenciatura	Surdez	Sim
Oeiras	Licenciatura	Surdez	Não
Inhuma	Licenciatura	Surdez	Sim
Palmeirais	Bacharelado	Surdez	Não
Nazária	Licenciatura	Surdez	Não
Luís Correia	Bacharelado	Deficiência física	Não
Floriano	Bacharelado	Deficiência Múltipla	Não
Castelo do Piauí	Bacharelado	Deficiente Intelectual	Não
São Raimundo Nonato	Licenciatura	Surdez	Não

Fonte: MELO BS e LUSTOSA AV, 2026.

Este estudo se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa, na perspectiva da pesquisa-ação. A pesquisa qualitativa se preocupa com a profundidade da compreensão de cada caso, em particular, mais do que com a média estabelecida de suas respostas (CALIL RC e ARRUDA SL, 2004).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade federal em pauta, atendendo a todas as exigências éticas previstas na legislação vigente.

Os dados foram coletados por meio de questionários com questões abertas e fechadas, aplicados de forma virtual em virtude do contexto pandêmico. Para a organização e análise dos dados utilizou-se da análise de conteúdo temática descrita por Franco MA (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando os participantes foram questionados sobre as maiores dificuldades enfrentadas na função de tutor junto aos estudantes público da educação especial, as respostas foram organizadas em quatro subcategorias, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Dificuldades enfrentadas pelos tutores na educação superior

Subcategorias	Frequência
Disponibilidade de horários	5
Acessibilidade	7
Compromisso na busca pelo auxílio do tutor	4
Compreensão da língua portuguesa pelos estudantes surdos	2
TOTAL	18

Fonte: MELO BS e LUSTOSA AV, 2026.

A subcategoria "Disponibilidade de horários" reuniu as dificuldades de cinco participantes relacionadas à conciliação dos horários de encontro com os tutorados. No sistema de bolsa de tutoria, com critérios delimitados em edital, o estudante tutor deve ter disponíveis 12 horas semanais para o trabalho com o aluno com deficiência. Como essas horas não são fixas nos turnos em que os estudantes são matriculados e os tutores podem ou não ser do mesmo semestre letivo do tutorado, embora sejam do mesmo curso, a correspondência dos horários é combinada entre as partes.

Os participantes relataram a dificuldade em conciliar os horários de tutoria com outros aspectos da vida acadêmica, profissional e pessoal, podendo implicar em prejuízos em alguma dessas áreas. Um dos participantes revelou que o desconhecimento dos docentes quanto aos direitos de tempo estendido para entrega de trabalhos pelos estudantes público da educação especial aperta os prazos, acarretando maior necessidade de adequação nos horários disponíveis para as atividades de tutoria.

> Apesar de todos os aspectos positivos, trabalhar com o aluno PAEE tem sim suas dificuldades. Penso que a principal delas seja a disponibilidade de tempo. Como auxiliares temos a grande tarefa de conciliar a nossa vida acadêmica, profissional e pessoal com o trabalho com o aluno. E, às vezes, algumas dessas áreas acaba sendo prejudicada. (Pedro II)

> A dificuldade é em conciliar os horários (Teresina)

> Existem alguns benefícios que o aluno especial possui, porém a maioria das coordenações, departamentos e professores desconhecem. Por exemplo, o aluno especial tem direito a um prazo maior para entrega de atividades, se assim solicitar. Porém, fica complicado realizar tal ação quando o professor desconhece tal norma e, assim, repassa o problema à coordenação, podendo gerar um desconforto e, até mesmo, uma situação complicada para o aluno. Sobre ensinar e amparar o aluno assistido, apenas o choque de horário é empecilhos e é resolvido e adequado no decorrer do período, no mais não tenho dificuldades. (Palmeirais)

> A universidade ainda não possui uma acessibilidade total para os alunos, na questão que envolve o desenvolvimento de pesquisas e projetos extensionistas por parte desses alunos e algumas estruturas quanto a engenharia não foram pensadas minuciosamente para os alunos. Os horários acabam sendo um problema também, visto que às vezes pego algumas disciplinas que a aluna que acompanho não pode pegar, pela quantidade limitada (Floriano)

> Sim, a dificuldade se mostra em ambas as partes, mas faz parte do processo, vamos "quejando-as" dia após dia. As dificuldades estão na adequação de horários, no processo comunicativo, na disponibilidade de material entre outras. (Oeiras)

Uma das características essenciais ao trabalho organizado de tutoria é o estabelecimento de horário semanal disponível para as atividades, o que traz rotina e sistematização. Segundo Estevam C et al. (2018), existem benefícios no fato dos encontros acontecerem

sistematicamente, com curta duração e de forma individualizada, podendo inclusive acontecer de modo virtual.

Cavalcante JB e Kranz CR (2021) descrevem a elaboração de um guia para tutores do Programa de Orientação e Tutoria Inclusiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Este guia aborda planejamento, recursos e técnicas para atividades presenciais e remotas. O estudo corrobora com Estevam C et al. (2018) ao mostrar que a sistematicidade dos encontros precisa ser acompanhada de orientação institucional, planejamento e formação dos tutores, e não deve depender apenas da disponibilidade informal entre tutor e tutorado.

A pesquisa de Araújo GS et al. (2023) analisa experiências de tutoria de estudantes com baixa visão e autismo. Os resultados mostram que o diálogo entre tutor e tutorado sobre conteúdo, metodologia e acessibilidade favorece a acessibilidade curricular. Frizam ainda a importância de o tutor pertencer ao mesmo curso ou área do tutorado, porque isso facilita a mediação dos conteúdos. A pesquisa acrescenta que a efetividade da tutoria esta diretamente relaciona com a formação e o acompanhamento fornecidos pelo Núcleo de Acessibilidade da instituição.

Maia M, Santos P e Espe-Sherwind M (2024) analisam círculos de mentoria entre pares envolvendo estudantes com e sem deficiência e apresentam uma proposta estruturada de programa. As autoras destacam planejamento centrado na pessoa, identificação prévia das necessidades e definição das responsabilidades dos mentores. Essa pesquisa sustenta a necessidade de horários regulares, mas que a frequência e o formato dos encontros devem ser negociados a partir das necessidades do estudante e das condições dos participantes.

A subcategoria "Acessibilidade" foi a de maior relevância, reunindo as dificuldades de sete participantes. Quando se fala em acessibilidade na educação superior, não se remonta somente aos aspectos estruturais, mas a tudo que envolve a efetiva inclusão das pessoas com deficiências, abrangendo campos pedagógicos, avaliativos e metodológicos (BRASIL, 2013).

Os participantes relataram dificuldades diversas relacionadas à acessibilidade: na didática, nos recursos metodológicos, na ausência de materiais adaptados e recursos visuais, e mesmo nas barreiras arquitetônicas presentes na instituição. Uma participante, tutora de estudante com deficiência visual, destacou a dificuldade com a qualidade dos materiais enviados pelos professores, muitas vezes com manchas e borrões que impossibilitam a digitalização e adaptação. Outro participante, tutor de estudante com deficiência física, apontou que as barreiras arquitetônicas dificultam a mobilidade do tutorado.

> As dificuldades variam muito, dependendo da didática que você pode usar como meio de auxílio. **(Corrente)**
>
> Materiais adaptados. (**Luzilândia**)
>
> Uma das maiores dificuldade que enfrentamos é na qualidade do material que os professores nos enviam. Muitas vezes vêm tão mal feito, cheio de manchas, rasuras e borrões, que não conseguimos digitalizar e adaptar, mesmo fazendo pedido aos mesmos, muitos não dão a devida importância. (**Parnaíba)**
>
> Recursos visuais. (**Boqueirão**)
>
> Falta de recursos e matérias para facilitar a aprendizagem do aluno surdo que é visual. (**Inhuma**)
>
> A dificuldade é encontrar uma maneira didática para auxiliar, recursos, estratégias e também entender as limitações dela. (**Castelo do Piauí**)
>
> A dificuldade está mais relacionada na estrutura física da universidade que não é totalmente adaptada para o aluno PAEE que trabalho, existem barreiras arquitetônicas que dificulta sua mobilidade. (**Luís Correia**)

Essas dificuldades evidenciam a insuficiência das condições de acessibilidade na instituição e a necessidade de investimentos em infraestrutura, formação docente e disponibilização de recursos adaptados, corroborando com os achados de pesquisas na área (ANACHE AA e CAVALCANTE LD, 2018; PRANDI LR et al., 2012).

Alguns estudos posteriores a este evidenciam as mesmas dificuldades quanto ao contexto da acessibilidade em seus vários âmbitos, seja arquitetônica, pedagógica, tecnológica, que podem se caracterizar como barreiras à autonomia do estudante tutorado e consequente sobrecarga ao tutor.

O estudo de Wuo AS e Paganelli BT (2022) identificam barreiras arquitetônicas, pedagógicas, tecnológicas e atitudinais na educação superior mostrando que o docente pode atuar tanto como facilitador quanto como barreira. A exemplo disso, pode-se citar quando os materiais não são encaminhados com antecedência para adaptação ou quando os documentos enviados estão manchados ou ilegíveis, e em formatos inacessíveis aos leitores de tela. Isso aponta que a mera existência de um setor de acessibilidade não resolve o problema quando a acessibilidade pedagógica não assegura materiais acessíveis e ainda que o tutor não consegue exercer sua função com efetividade na ausência dos materiais necessários para acompanhamento pelo tutorado.

Acrescentando o conceito de acessibilidade curricular, o estudo de Araújo GS et al. (2023) mostra que a tutoria pode colaborar na adaptação das metodologias e dos conteúdos para estudantes, como os com baixa visão e autismo. Porém, não se pode atribuir ao tutor a

responsabilidade principal pela adaptação uma vez que a tutoria funciona melhor quando integrada ao atendimento educacional especializado e ao núcleo de acessibilidade.

Outro tipo de acessibilidade que precisa ser evidenciada é a atitudinal. Na pesquisa de Teixeira FL e Sumiya LA (2024) foram observadas barreiras em todas as dimensões da acessibilidade, sobretudo na dimensão atitudinal, embora tenham sido reconhecidos avanços na estrutura física. O estudo amplia a análise considerando que as barreiras arquitetônicas não são independentes das barreiras relacionais e institucionais, uma vez que o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem dependem da articulação entre infraestrutura, gestão e práticas acadêmicas.

A subcategoria "Compromisso na busca pelo auxílio do tutor" reuniu as dificuldades de quatro participantes, todos do curso de Letras Libras, que relataram que os próprios estudantes tutorados procrastinam a busca pelo auxílio. Os participantes mencionaram que alguns tutorados não demonstram interesse e procuram o auxílio apenas em dias de prova, sem a antecedência necessária para uma preparação adequada.

> Dificuldade em que eles entendam a necessidade de solicitar o auxílio, pois não há esforço visto que sabem que terão aprovação ao final da disciplina. Às vezes parece que eles não têm consciência do que é a universidade. (Piripiri)
>
> Alguns alunos não demonstram tanto interesse e isso complica o trabalho, não são todos, mas uma minoria prefere procurar o auxílio apenas em dias de prova, é necessário tempo para estudar e antecedência na preparação (Picos)
>
> A maior dificuldade é a falta de compromisso de alguns alunos Público-Alvo da Educação Especial (Campo Maior)
>
> A maior dificuldade é confrontar, às vezes, pois depende de cada indivíduo, cada um tem sua história, um histórico de anos escolares base de pouca atenção ao aluno e de descrédito a eles que, muitas vezes, os levam a ter crenças falsas de limitação que não existem na realidade, apenas na mentalidade de quem os ensinou ou se negou a ensinar (São Raimundo Nonato)

Essas falas remetem ao histórico processo de desmerecimento e desvalorização do conhecimento da pessoa com deficiência, que menospreza sua capacidade intelectual e produtiva (CASTRO SF, 2011). Os estudantes com deficiência parecem não compreender que o contexto muda na educação superior, local em que a qualidade do ensino e a avaliação efetiva são compromissos institucionais (MUCCINI P, 2017; FERNANDES AC, 2015; RIBEIRO EA, 2016; BORGMANN ME, 2016).

Mas, não se pode incorrer na explicação simplista de que a demora pela busca pelos serviços de apoio são meramente em decorrência da falta de compromisso ou do desconhecimento de como funciona a educação superior. Algumas pesquisas mostram que esses

comportamentos podem estar associados a estigma internalizado, expectativa de discriminação e receio de que a deficiência prejudique a identidade acadêmica ou profissional (GRIMES S et al., 2020).

Bruce C e Aylward ML (2021) dialogam que solicitar apoio exige esforço emocional, exposição da deficiência e negociação em relações marcadas por assimetrias de poder. O receio de julgamento pode levar o estudante a rejeitar ou adiar um apoio necessário. Melián E e Meneses J (2022) corroboram com a ideia afirmando que a comunicação da deficiência é descrita como decisão emocionalmente arriscada e que processos administrativos, estigma e necessidade de provar a legitimidade da condição podem retardar a procura por apoio.

A quarta subcategoria, "Compreensão da língua portuguesa pelos estudantes surdos", emergiu das dificuldades de dois participantes tutores de estudantes surdos. Eles apontaram as dificuldades metodológicas para o ensino, considerando que a Libras tem uma estrutura própria e que, por vezes, o estudante surdo tem dificuldade não consegue transitar entre a língua portuguesa, como segunda língua, e a língua de sinais, como língua materna (BISOL CA et al., 2010).

> As dificuldades mais visíveis posso dizer que seria em saber fazer uso de uma língua que segue uma estrutura própria (Libras), pois o surdo muitas vezes fica em dúvida em qual padrão ele deve se identificar mais. Nesses momentos realmente prejudica (Bom Jesus)
>
> Sim, dificuldades em muitas vezes por meu aluno surdo não compreender a língua portuguesa, eles têm essa dificuldade, mas transcrevo para a língua de sinais. Mas tanto ensino como aprendo com essa dificuldade e no final tudo sempre dá certo (Nazária)

Essa dificuldade remete à necessidade de que os cursos de formação, especialmente o de Letras Libras, ensinem aos futuros docentes os conhecimentos teóricos articulados aos práticos, considerando as especificidades linguísticas dos estudantes surdos.

A língua portuguesa e a Libras têm estruturas diferenciadas em suas modalidades e estruturas e carecem de métodos e materiais didáticos que possibilitem a aprendizagem da língua materna (SOLLER PS e MARTINS VR, 2022).

Os estudos de Delanhese B e Storto LJ (2024) apontam barreiras à permanência, insuficiência de intérpretes, necessidade de adaptações que respeitem a língua e a cultura surdas e formação continuada dos docentes. A contribuição para a discussão é mostrar que a presença de intérprete, embora indispensável, não substitui a responsabilidade pedagógica do professor nem resolve isoladamente as barreiras curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou a identificação e análise das dificuldades enfrentadas por tutores entre pares no trabalho com estudantes público da educação especial na educação superior. Os resultados revelaram que as dificuldades são multifacetadas, abrangendo desde questões logísticas, como a disponibilidade de horários, até questões estruturais e pedagógicas relacionadas à acessibilidade, sem desconsiderar a acessibilidade atitudinal que acaba sendo um tema transversal a todas.

A acessibilidade, em seus múltiplos aspectos, configurou-se como a dificuldade de maior relevância, evidenciando a necessidade de investimentos institucionais em infraestrutura, formação docente, disponibilização de materiais adaptados e recursos pedagógicos acessíveis.

Outro aspecto que merece atenção é a dificuldade que os tutorados, sobretudo os surdos, têm de buscar auxílio com seus tutores. Tal fato, atrai atenção para aspectos importante e históricos: estigma, exposição da deficiência e as relações de poder.

Esses achados reforçam a necessidade de que os programas de tutoria entre pares sejam amparados por políticas institucionais que ofereçam formação continuada, supervisão pedagógica e condições adequadas para o exercício da função. A sistematização da ação, o planejamento, o treinamento e a supervisão são condições necessárias para que a atuação do tutor aconteça de forma satisfatória, e isso deve acontecer como ferramenta institucional contando com o apoio dos núcleos de acessibilidade.

Como perspectivas futuras, sugere-se a realização de pesquisas que investiguem estratégias institucionais para a superação das dificuldades identificadas, bem como estudos que avaliem o impacto de programas de formação de tutores na qualidade da tutoria oferecida. A compreensão das dificuldades enfrentadas pelos tutores é fundamental para o aprimoramento das práticas de inclusão na educação superior brasileira.

REFERÊNCIAS

ANACHE AA, CAVALCANTE LD. Análise das condições de permanência do estudante com deficiência na Educação Superior. Psicologia Escolar e Educacional, Número Especial, 2018; 115-125.

ARAÚJO GS, et al. Acessibilidade curricular: práticas pedagógicas inclusivas de alunos do programa tutoria. Brazilian Journal of Development, 2023; 9(3): 12117-12126.

BISOL CA et al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. Cadernos de Pesquisa, 2010; 40(139): 147-172

BORGMANN ME. Reconhecimento da diferença: desafios para a inclusão dos estudantes com deficiência no ensino superior, RS. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2016; 171 p.

BRASIL. 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 nov. 2026.

BRASIL. 2015. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm . Acesso em: 11 nov. 2026.

BRASIL. 1996. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf. Acesso em: 11 nov. 2026.

BRUCE C, AYLWARD ML. Disability and self-advocacy experiences in university learning contexts. Scandinavian Journal of Disability Research, 2021; 23(1): 14-26.

CALIL RC, ARRUDA SL. Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Orgs.). Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.

CARDOZO-ORTIZ CE. Tutoría entre pares como una estrategia pedagógica universitaria. Educación y Educadores, 2011; 14(2): 309-325.

CASTRO SF. Ingresso e permanência de alunos com deficiência em universidades públicas brasileiras, SP. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011; 278 p.

CAVALCANTE JB, KRANZ, CR. Construção de um guia de práticas e técnicas para a tutoria inclusiva no ensino superior. Humanidades & Inovação, 2021; 8(35): 240-249.

DELANHESE B, STORTO LJ. Educação de surdos no ensino superior na perspectiva inclusiva. Revista Educação Especial, 2024; 37(1): 1-28.

ESTEVAN, C. et al. Programa de tutoria por pares no ensino superior. Rev. Bras. Orientac. Prof., 2018; 19(2): 185-195.

FERNANDES AC. Dinâmicas de significação e trajetórias de desenvolvimento: experiências de estudantes com deficiência autodeclarada na universidade, DF. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2015; 238 p.

FERNANDES WL, COSTA CS. Possibilidades da tutoria de pares para estudantes com deficiência visual no ensino técnico e superior. Revista Brasileira de Educação Especial, 2015; 21(1): 39-56.

FIOR C. Contribuições da monitoria e da tutoria entre pares para a permanência do estudante no ensino superior: análise de publicações do CLABES de 2011 a 2014. Congresos CLABES, 2017; 7(1): 1-7.

FRANCO MA. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 2016; 97(247): 534-55.

FRISON LM. Tutoria entre estudantes: uma proposta de trabalho que prioriza a aprendizagem. Revista Diálogo Educacional, 2013; 13(38): 173-192.

GRIMES S et al. University student experiences of disability and the influence of stigma on institutional non-disclosure and learning. Journal of Postsecondary Education and Disability, 2020; 33(1): 23-37.

LIPSKY SA. Training Guide for College Tutors and Peer Educators. Pearson; 2011; 144 p.

MAIA M et al. Peer mentoring circles in higher education: perceptions of their members with and without disability and program proposal. Frontiers in Education, 2024; 9(1): 1-13.

MELIÁN E, MENESES J. Getting ahead in the online university: disclosure experiences of students with apparent and hidden disabilities. International Journal of Educational Research, 2022. 114(1): 1-9.

MUCCINI, Patrícia. Estudantes com surdocegueira na universidade: mapeando barreiras e facilitadores que perpassam o processo de inclusão acadêmica, SC. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina, 2017; 118 p.

PRANDI LR et al. Inclusão educacional no ensino superior: principais desafios e perspectivas contemporâneas em educação. Akrópolis Umuarama, 2012; 20(2): 113-123.

RIBEIRO DM. Barreiras atitudinais: barreiras e desafios à inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior, PE. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, 2016; 115 p.

SOLER OS, MARTINS, VR. Língua portuguesa como língua adicional para surdos e o seu aprender em articulação com a Libras como língua matriz. Revista Educação Especial, 2022. 35(1): 1-21.

TEIXEIRA FL, SUMIYA LA. Barreiras de acessibilidade na educação superior: a percepção dos discentes. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, 2024; 11(3): 1-20.

WUO AS, PAGANELLI BT. Barreiras e facilitadores na inclusão de pessoas com deficiência na educação superior: o ponto de vista dos estudantes. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 2022; 30(177): 1-18.